

30625

## VIAS DE FORMAÇÃO DOS COLESTEATOMAS: HÁ DIFERENÇAS AUDIOMÉTRICAS ENTRE EPITIMPÂNICOS E MESOTIMPÂNICOS POSTERIORES?

Marcos Guilherme Tibes Pauletti, Alessandra Locatelli Smith, Bruno Siliprandi Pinto, Elisa Azevedo de Souza, Leticia Petersen Schmidt Rosito, Mariana Paludo, Yuri Petermann Jung. **Orientador:** Sady Selaimen da Costa

**Introdução:** Na otite média crônica a perda auditiva, geralmente condutiva, pode variar de acordo com uma série de elementos relacionados com o comprometimento da orelha média provocado pela doença. Isso significa que os limiares audiométricos podem ser influenciados, além de outros fatores, pelo tamanho ou localização das perfurações timpânicas e a presença de erosão ou desarticulação da cadeia ossicular, pela presença de colesteatoma e suas vias de formação. Existem teorias de que os colesteatomas mesotimpânicos posteriores, por crescerem em cima da cadeia ossicular, poderiam determinar maior erosão óssea e, portanto, maior perda auditiva. Não há na literatura evidência disponível sobre a diferença de comprometimento auditivo de acordo com as vias de formação dos colesteatomas. **Objetivos:** Verificar se há diferença de comprometimento auditivo entre colesteatomas epitimpânicos posteriores (ou de pars flácida) e mesotimpânicos posteriores (ou de pars tensa). **Materiais e métodos:** Esse estudo transversal avaliou

278 orelhas com colesteatoma sem cirurgia prévia de agosto de 2000 a janeiro de 2013. Na primeira avaliação foram realizadas audiometria tonal e otoendoscopia. As videotoscopias foram posteriormente analisadas e classificadas entre as duas principais rotas envolvidas na formação dos colesteatomas (epitimpânico posterior e mesotimpânico posterior). Para fazer a análise estatística da comparação entre os limiares audiométricos foi utilizado o teste T de student. **Resultados:** A idade média foi de 33,7 anos, e 51% eram do sexo masculino. O colesteatoma epitimpânico posterior foi encontrado em 51,4%. Não houve diferença nos limiares das vias aérea e óssea entre os dois grupos ( $p > 0,05$ ). Quando os gaps aéreo-ósseos foram comparados, entretanto, os mesotimpânicos posteriores obtiveram maiores limiares nas frequências de 500Hz e 2000Hz e na média tritonal ( $p=0,003$ ,  $p=0,03$  e  $p=0,02$ , respectivamente). **Conclusão:** O colesteatoma mesotimpânico posterior obteve maiores limiares nos gaps aéreo-ósseos nas frequências da fala em comparação com o epitimpânico posterior. Porém, as duas vias de formação foram muito similares nos outros padrões audiométricos.